



ENCONTROS **DEMOCRÁTICOS** C I C L O D E D E B A T E S

O FASCÍNIO DO **NEOPOPULISMO**

Como a democracia é ameaçada pelos líderes políticos travestidos de super-heróis do povo



Palestras de
**VILMAR ROCHA E
JULIANA FRATINI**



Encontros Democráticos são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

O FASCÍNIO DO NEOPOPULISMO

O que é populismo? O que caracteriza os líderes populistas? Como e por que conseguem conquistar a admiração das massas? Essas foram questões debatidas em um Encontro Democrático realizado em outubro de 2019 na sede do Espaço Democrático, com a participação de dois palestrantes: Vilmar Rocha, ex-deputado federal e autor do livro intitulado *O Fascínio do Neopopulismo*, e a cientista política Juliana Fratini.

Para Vilmar, líderes populistas - de esquerda ou de direita - são sérias ameaças à democracia liberal. Para conquistar e manter o poder, desprezam as leis, as instituições e a imprensa livre, pregam o ódio entre pessoas e classes, proclamam-se os únicos capazes de salvar a pátria, manipulam demagogicamente os sentimentos e a opinião da população. Ele apresentou um histórico do populismo na América Latina, desde a década de 1950, período marcado por líderes como o brasileiro Getúlio Vargas e o argentino Juan Domingo Perón, até o ápice do que ele chamou de “neopopulismo de esquerda”, no início dos anos 2000, quando surgiram Lula, Hugo Chavez, Evo Morales e outros. Atualmente, segundo Vilmar, o fenômeno tem novo ciclo, agora em escala mundial, marcado pelo populismo autoritário de direita.

Por sua vez, Juliana Fratini ponderou “que o populismo é um problema inerente às democracias liberais, regimes em que existe uma competição democrática pelo poder, na qual forças, atores, interesses e grupos buscam capturar a atenção das pessoas por intermédio de figuras carismáticas”.

Juliana frisou que a insatisfação das pessoas com os governantes também fortaleceu o populismo nos últimos anos. “A gente vem de uma crise do Estado de bem-estar social. As instituições democráticas e liberais não conseguiram dar conta de todos os anseios da sociedade, não conseguiram acabar com o problema da pobreza, não conseguiram dar educação a todos. Não estou falando apenas de América Latina, mas do mundo todo.”

Coordenado pelo jornalista **Sérgio Rondino**, o encontro teve a participação de lideranças como o ex-senador e ex-governador de Santa Catarina, **Jorge Bornhausen**, o ex-ministro e pré-candidato do PSD à Prefeitura de São Paulo, **Andrea Matarazzo**, e a coordenadora nacional do PSD Mulher, **Alda Marco Antonio**.

Boa leitura.



SÉRGIO RONDINO: Olá, boa tarde a todos, muito obrigado pela presença aqui no auditório do Espaço Democrático. Agradeço também aos que nos acompanham pelo Facebook para mais um Encontro Democrático. Nosso tema de hoje é antigo, mas sempre atual - é a questão do populismo, que está associada a dirigentes políticos tão ideologicamente diferentes, e até opostos, como os presidentes Donald Trump, dos Estados Unidos, e Nicolás Maduro, da Venezuela; ou Bóris Johnson, primeiro-ministro do Reino Unido e Rodrigo Duterte, presidente filipino. O que eles têm em comum? Têm características populistas, ou neopopulistas, como classifica o nosso palestrante de hoje, Vilmar Rocha. Ele é um dos fundadores do PSD e coordenador de Relações Institucionais da Fundação Espaço Democrático. Advogado e professor universitário, ele foi deputado estadual em Goiás de 1983 a 1990 e deputado federal por aquele Estado entre 1993 e 2002. Vilmar Rocha é o autor do livro *"O Fascínio do Neopopulismo"*, que escreveu em 2007.

Para comentar o tema nós teremos hoje também a cientista política e comunicadora Juliana Fratini, que tem experiência em campanhas eleitorais, na análise de conjunturas políticas e econômicas e gerenciamento de imagem. Obrigado pela participação, Juliana. E temos a honra de receber aqui o ex-governador e ex-senador por Santa Catarina, Jorge Bornhausen. Muito obrigado pela presença, senador. E vamos ao assunto. A palavra é sua, Vilmar Rocha.

VILMAR ROCHA: Obrigado, boa tarde a todos, Juliana, Jorge Bornhausen, Rondino, obrigado pela presença de todos. Bem, como Rondino falou, o populismo na América Latina é antigo, teve ciclos. O primeiro ciclo foi representado por um projeto populista no México, de Lázaro Cárdenas, antes dos anos 1950, e depois por Juan Domingo Perón, na Argentina, e por Getúlio Vargas no Brasil. E a gente achou que isso estava superado como estratégia política - e sobre isso é importante dizer desde logo que o populismo não tem conteú-

do ideológico, ele é uma estratégia política para chegar ao poder e se manter no poder. Portanto, podemos ter um populismo de direita ou um populismo de esquerda. Os dois principais líderes populistas latino-americanos nos anos 1950 e 1960, Perón e Getúlio, não eram de esquerda, eram conservadores. As outras duas experiências que tivemos no Brasil, com Jânio e Collor, não eram de esquerda. Mas eram líderes populistas.

E a partir do final dos anos 1990 e começo dos anos 2000 começamos a ter um novo ciclo populista na América latina, mas com viés de esquerda. Em muitos países ele não floresceu, até regrediu, mas ainda continua como grande exemplo, o ciclo que ainda não se encerrou, o caso da Venezuela, com consequências gravíssimas para a Venezuela e para toda a América Latina. Não é brincadeira. Houve uma emigração da população da Venezuela. 13% da população - mais de 4 milhões de venezuelanos - deixou o país. Vocês imaginem o que isso representa em termos de custo social e humano. Seria mais ou menos como se mais de 20 milhões de pessoas deixassem o Brasil em função do regime político, econômico e social.

Em 2007, então, quando escrevi o livro *"O fascínio do neopopulismo"*, a minha ideia era analisar, refletir e alertar sobre o ciclo populista que estava, naquele período, em plena efervescência, em grande auge. Havia o Hugo Chávez, que foi eleito presidente da Venezuela em 1998 e assumiu no ano seguinte; houve a eleição do Evo Morales, presidente da Bolívia a partir de 2006; no Peru, foi eleito presidente, em 2011, um líder com um discurso extremamente populista, o Ollanta Humala; tivemos Rafael Correa, no Equador, eleito duas vezes com um discurso populista; e na Argentina os Kirchner. Agora temos o que hoje é presidente do México, López Obrador. Ainda lembro que no Paraguai houve a eleição de um padre, Fernando Lugo, em 2008, que acabou deposto em 2012 - ele também com um discurso populis-



ta. Sem esquecer, é claro, que no Brasil também tivemos, claramente uma experiência populista. Então, havia nos países da América Latina um ciclo do populismo com viés de esquerda, com exceção de Chile, Uruguai e Colômbia.

E agora temos um novo ciclo. Só que esse agora não é mais só latino-americano, é mundial; não é só na Europa, não é só nos Estados Unidos, é na Ásia - e não é de esquerda: hoje temos um novo ciclo populista de direita, autoritário.

Então, como eu dizia, o livro faz uma análise, uma reflexão, um alerta sobre essa experiência populista na América Latina. Os países cujos líderes chegam ao poder através dessa estratégia populista sempre dão errado. São mortos, ou são depostos, ou renunciam. Não dá certo. Por quê? Porque é uma estratégia antissistema, anti-institucional, anti-democracia liberal e não costuma



dar certo. Vejam o caso do Brasil: Getúlio se suicidou, Jânio renunciou, Collor foi derrubado por impeachment e Lula está preso. E vejam as consequências da experiência populista no Brasil nos últimos anos, as consequências sociais, políticas e econômicas - o desastre dessa experiência populista aqui na nossa América.

Porque neopopulismo? Em 2007, essa expressão não era muito comum. Falava-se em populismo, toda a literatura falava em populismo, mas não em neopopulismo. Mas eu quis fazer esse livro porque aquele ciclo de populismo tinha características diferentes do populismo clássico. As situações políticas, sociais e históricas do populismo clássico não existiam mais naquele então novo ciclo. Exemplos: Perón e Getúlio, líderes conservadores, naquela época tinham nos calcanhares uma esquerda revolucionária, e a estratégia deles de inclusão social era antirrevolucionária.

A situação era completamente diferente. Em 2007, o ciclo populista se dava em um sistema de competição democrática. A realidade social era diferente. Por essas e outras razões é que eu procurei demonstrar, no livro, os pontos de contato e de diferença entre o populismo clássico e o novo populismo.

E nesses anos todos, 12 anos, o que aconteceu? Houve um refluxo, não houve uma consolidação desses líderes populistas - ainda bem -, com exceção da Venezuela, que era o maior exemplo e que ainda hoje continua, como nós todos sabemos.

É muito comum, sobretudo quando faço palestras para os jovens, eles me perguntarem: o que é ser populista? Quais as características de um sistema populista ou de um líder populista? E qual é a diferença entre um líder populista e um líder popular? Eu trouxe aqui, porque acho interessante, um decálogo do cientista político

OS PAÍSES CUJOS LÍDERES CHEGAM AO PODER ATRAVÉS DESSA ESTRATÉGIA POPULISTA SEMPRE DÃO ERRADO. SÃO MORTOS, OU SÃO DEPOSTOS, OU RENUNCIAM. NÃO DÁ CERTO. POR QUÊ? PORQUE É UMA ESTRATÉGIA ANTISSISTEMA, ANTI-INSTITUCIONAL, ANTI-DEMOCRACIA LIBERAL E NÃO COSTUMA DAR CERTO. VEJAM O CASO DO BRASIL: GETÚLIO SE SUICIDOU, JÂNIO RENUNCIOU, COLLOR FOI DERRUBADO POR IMPEACHMENT E LULA ESTÁ PRESO”.

mexicano Enrique Krauze. Ele fez um decálogo intitulado “Os dez mandamentos do populismo” para mostrar como se caracteriza um sistema, um modelo ou um líder populista. São os seguintes:

1º - O populismo exalta o líder carismático, o homem providencial, que resolverá de uma vez e para sempre os problemas do povo. Não existe um modelo populista sem um líder carismático, providencial. E a sua narrativa é assim: “Eu vou resolver os problemas de vocês. Eu sou o cara. Só eu vou resolver os problemas de vocês”. E por isso é que existe em torno dessa pessoa com carisma todo um esquema de propaganda e de divulgação para criar a figura desse líder forte. Essa é a primeira característica de um líder populista.

2º - O populista usa e abusa da palavra. Ou seja, fala demais. Ele instrumentaliza a palavra. Como todo demagogo, ele utiliza, ele manipula a palavra. Todo líder populista carismático fala demais. Ele usa a palavra e não quer convencer as pessoas, quer utilizar as pessoas e manter a mobilização. O Chávez fazia um discurso de 4 horas, 5 horas, imitando o Fidel Castro. Eu tenho uma experiência. Logo que o Chávez foi eleito, dois dias depois, eu era deputado federal, estava em Brasília e havia um embaixador que era muito meu amigo, chamado Milos Alcalay. Ele era o embaixador da Venezuela no Brasil. Ele me telefonou. “Deputado Vilmar, você tem que me ajudar. O presidente Chávez foi eleito e quer vir ao Brasil amanhã ou depois e eu não organizei nada, não convidei ninguém, você tem que me ajudar, tem que vir aqui na embaixada etc. Ele era um cara gordão, estava suando, coitado. Fui lá, cheguei à noite e não havia quase ninguém. Porque Chávez resolveu vir de um dia para o outro, ainda não tinha tomado posse, foi depois da eleição. Eu cheguei lá e era um dos poucos deputados. O Chávez começou a falar, falar, falar... duas horas depois, eu disse: vou embora, porque eu não agüento mais. Então é isso, o populista fala demais.

3º - O populista fabrica a verdade e odeia a liberdade de opinião.

4º - Utiliza de modo discricionário e irresponsável os fundos públicos para reforçar o seu carisma, do homem providencial, do líder carismático, do pai dos pobres, o salvador das massas, do povo. Usa o erário como recurso privado, promete soluções simples e, invariavelmente, desastrosas para a economia.

5º - populista reparte diretamente a riqueza. O próprio Chávez pegou muitos fundos e distribuiu entre os pobres lá na Venezuela. Só que, como ele faz isso de forma irresponsável, não é sustentável. É por isso que o modelo do populismo fica diante de crises. Chega um certo momento, acabou.

6º - O populista alimenta o ódio de classes. É típico do líder populista. Tem que odiar alguém, porque é uma forma de unificar o povo - no ódio a alguém. Esse ódio pode ser a um inimigo externo, pode ser a um inimigo interno, tem que odiar alguém. É inerente ao líder populista liberar para as massas um sentimento de ódio a alguém, instrumentalizando o ódio - e os mais irresponsáveis fazem uma guerra. O que esse (*presidente da Turquia Recep Tayyip*) Erdogan está fazendo é mais ou menos isso. Escolheu incitar o ódio aos curdos, coitados, cinco milhões de curdos.

7º - O populista mobiliza permanentemente os grupos sociais, as massas. Faz parte de sua estratégia manter a sua base social permanentemente mobilizada, não pode deixá-la folgar, não pode dar férias, nada, tem que mantê-la mobilizada e com ódio de alguém.

8º - O populista cultiva um inimigo interno ou externo, para poder culpá-lo por todos os problemas.

9º - O populista despreza a ordem legal - é outra característica dos líderes populistas e do modelo. Eles incutem nas pessoas profunda desconfiança nas regras estabelecidas.



10º - O líder populista mina, domina, ameaça e elimina as instituições, os mecanismos de pesos e contrapesos da democracia liberal por considerá-los oligárquicos e contrários à "vontade popular".

Eu vejo muito hoje, na internet, os vídeos contra o Supremo Tribunal Federal. Até deram uma folga ao Congresso e agora estão concentrados no Supremo. Existem vídeos bem feitos contra o Supremo. Nós sabemos que os ministros lá são humanos, erram pra danar. Um tempo atrás fui fazer uma palestra, cheguei lá e falei: o meu tema é falar mal do Supremo. Mas falar mal das decisões que foram equivocadas, inconstitucionais etc e não da instituição. Os populistas são contra a ordem legal, contra o Poder Legislativo, contra os partidos, contra a imprensa, porque eles não querem um intermediário, eles querem contato direto com a população.

Portanto, não é possível a convivência de um modelo populista com a democracia liberal. Por quê? Porque a democracia liberal é a intermediação institucional entre o poder e a sociedade. E o populista não quer isso, ele quer falar diretamente à sociedade, falar para ela, se legitimar perante a sociedade, fazer algo por ela sem nenhuma intermediação.

É por isso que, hoje, esse novo ciclo populista de direita estimulou e ampliou a crise da democracia liberal no mundo. Ela está sob ataque. E foi um modelo que durante os últimos 70 anos, depois

da Segunda Guerra, trouxe a paz, a prosperidade para o mundo. E igualdade. Então, o novo ciclo populista autoritário de direita, que estamos vivendo no mundo todo hoje, coloca claramente em risco a democracia liberal. Não é só nos Estados Unidos, é na Europa quase toda.

Hoje existe uma ampla literatura sobre a crise da democracia liberal e o florescimento do líder populista de direita, autoritário, no mundo. Eu vou citar aqui apenas alguns. Um deles é "*Fascismo - Um alerta*", de Madeleine Albright. É um belíssimo livro, porque ela fala sobre essa ameaça e diz que um líder autoritário populista pode levar ao fascismo. O livro é muito bom de ler, é fácil de ler. E como ela foi secretária de Estado (*primeira mulher a ocupar o cargo de secretária de Estado dos Estados Unidos, durante o governo do presidente Bill Clinton*), faz um perfil de vários chefes, desses novos líderes populistas, e conta as conversas que teve com eles. Além da pesquisa, da análise, ela conta a história deles. Mas o livro todo é para dizer que nós corremos o risco da retomada de um novo ciclo fascista no mundo, em especial na Europa. É muito bom. Ela conta a história desses líderes todos, inclusive do Trump. Engraçado, eu estava lendo lá: "*A América em primeiro lugar*". Eu pensei, mas que boa sacada de marketing essa da campanha do Trump. Na verdade, era um movimento fascista próximo da Segunda Guerra Mundial, que se chamava "*A América em primeiro lugar*".

Outro livro é "*Ruptura - A crise da Democracia Liberal*", de Manuel Castells. É um conhecido e renomado cientista político espanhol. O livro é muito interessante, muito atualizado, em que ele analisa as razões, as raízes desse novo ciclo populista autoritário. E o que ele diz? Ele diz o seguinte: esse ciclo é movido pelo medo das pessoas, pela insegurança das pessoas em relação ao seu futuro. As pessoas estão com medo, estão temerosas em geral, em função da globalização econômica e financeira, da globalização

da comunicação, das novas tecnologias, inteligência artificial e outras, que vão ter uma enorme repercussão na economia e na sociedade. Por exemplo: você vai trabalhar em que, no futuro? Quais são as profissões que vão existir no futuro? Isso gera uma enorme insegurança nas pessoas e elas não acreditam que a democracia liberal, que o sistema democrático e suas instituições têm a capacidade de dar uma resposta e uma segurança para elas. Diante disso, elas vão atrás do machão, do líder forte, autoritário, que fala: "Eu vou fazer, eu mato, eu faço isso e aquilo". Então, é muito interessante essa análise do Manuel Castells, que inclusive analisa muito bem o papel das redes sociais.

Amigos e amigas, antes os líderes populistas davam um jeito de controlar a imprensa, a comunicação, porque através dela que ele chegava lá. Hoje, são as mídias sociais. Acho que essa CPMI das Fake News, se for a fundo, vai dar uma confusão dos diabos. Eu tenho até dificuldade de interpretar os sistemas digitais de controle, com os tais algoritmos. Com eles, as pessoas identificam qual é o seu perfil e mandam uma mensagem de acordo com o seu perfil. Ah, isso é de uma gravidade - não para o bem ou para o mal, quero dizer que é de uma eficácia na comunicação violenta. Eu me lembro da campanha do Bolsonaro. Normalmente, nas eleições, os organismos internacionais mandam um observador. Veio para cá uma observadora, não sei se da ONU ou da OEA. Eu li o que ela disse: a eleição foi limpa, democrática, disputada, tudo ok. E foi mesmo. Mas a única observação que eu faço é que eu não pude compreender ainda o uso massivo das redes sociais no processo eleitoral, disse ela. O certo é que é uma ferramenta cujas consequências ainda não sabemos avaliar com precisão. Mas sabemos, por exemplo, que houve interferência da Rússia ou da Ucrânia nas eleições dos Estados Unidos, através das redes sociais. Nos próximos anos



esse é um desafio para todos nós: entender, interpretar, lidar, conviver com essa comunicação direta e unipessoal através das redes sociais.

Um terceiro livro que quero citar é *“Populismo e Democracia - Dinâmicas populistas na União Europeia”*, de José Filipe Pinto. O autor faz uma análise do avanço do populismo autoritário nos diferentes países na Europa. Os partidos de direita autoritária e populista cresceram em toda a Europa. Na Suíça, na Grécia, na Espanha e por aí vai. Até na poderosa Alemanha. Vejam na última eleição o crescimento da ASD, a “Alternativa para a Alemanha”. Dentro desse partido há movimentos inclusive neonazistas. Então, o populismo de direita não está só onde líderes desse tipo já chegaram ao poder, como na Hungria, com Viktor Orbán, ou na Polônia, com Jaroslaw Kaczynski. A direita cresceu muito, mesmo onde não está no poder. Então é uma tendência, não é uma coisa localizada.

E finalmente cito este livro - *“O povo contra a democracia - Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la”*. O autor, Yascha Mounk, é um professor de Harvard, mas o livro não é daqueles trabalhos acadêmicos, com aquelas teorias e aquele nhenhênhem que ninguém aguenta. Ele escreve bem, mas tem senso político, é um cientista político com base na realidade. E ele faz até uma introdução muito interessante sobre a realidade brasileira - naturalmente crítica em relação

ao novo líder populista daqui. Bolsonaro chegou ao poder e se mantém no poder até agora com uma estratégia claramente populista. Pode mudar, pode arrefecer, mas um populista, está dentro das características.

Yascha Mounk, no final do livro, dá uma mensagem muito interessante, que vou ler para vocês. É sobre por que nós acreditamos, como eu acredito, na democracia liberal, na liberdade, no estado de direito, no respeito aos direitos humanos, nos direitos civis, na tolerância, no diálogo, na formação de consensos. Às vezes, as decisões assim são mais demoradas, mas são muito mais sustentáveis. Só que demora, e às vezes, determinados sistemas políticos são disfuncionais, atrasam, não realizam, demoram, fazem pela metade as reformas que são necessárias. Mas a democracia liberal trouxe paz, prosperidade, igualdade. Se ela é um sistema que está em declínio, o que colocar no lugar? Qual é a alternativa? O populismo de direita autoritário? Pelo menos para mim não é, e acredito que também não é para a grande maioria ou para todos os presentes. Agora tem uma coisa, você se prepare para sofrer, porque pessoas com esse perfil normalmente são atacadas pelos extremos e não sensibilizam de uma maneira geral a massa, o povo. Tem que ter uma retórica muito forte e uma liderança muito forte para fazer isso.

Para encerrar, então, aqui vai a mensagem de Yascha Mounk:

“Um dos grandes privilégios da vida em uma democracia estável é termos que enfrentar esse tipo de questão com muita frequência. Até pouco tempo atrás, a maioria de nós vivia em uma época normal, apostávamos na política, mas raramente precisávamos de muita coragem para defender nossos valores mais estimados. Fazer a coisa certa não exigia grandes sacrifícios. Se perdêssemos uma batalha importante, sabíamos que haveria outra chance de vencermos a guerra. Agora, em comparação, estamos ingressando



numa época extraordinária. A aposta na política se tornou uma questão de vida ou morte. Nos próximos anos precisaremos de cada vez mais coragem para defender os valores que prezamos. Se era para fazer a coisa certa, no momento decisivo, temos que estar dispostos a fazer sacrifícios, pois se perdermos as próximas batalhas para os populistas, a guerra talvez acabe sem liberdade. Felizmente, há muitos de nós desejosos de que a democracia liberal sobreviva. Podemos ir às ruas e enfrentar os populistas, podemos lembrar aos nossos patriotas as virtudes da liberdade e da autonomia. Podemos estimular partidos tradicionais a abraçar um programa ambicioso capaz de revigorar a promessa da democracia liberal, de um futuro melhor para todos. E se conseguirmos vencer, como torço muito para que aconteça, podemos reunir o decoro e a determinação necessários para trazer nossos adversários de volta para o lado da democracia. Por ora, é impossível prever

qual será o destino final do nosso sistema político”. Não há resposta. Ninguém tem aqui. “Talvez a ascensão dos populistas acabe sendo uma fase passageira, lembrada como uma mistura de perplexidade e curiosidade daqui a cem anos, ou talvez seja uma mudança monumental, o prenúncio de uma ordem mundial em que os direitos individuais serão constantemente violados e o verdadeiro autogoverno sumirá da face da Terra. Ninguém pode nos prometer um final feliz, mas aqueles que, de fato, apreciam os nossos valores e instituições, estão decididos a lutar por suas convicções sem se importar com as consequências. Embora os frutos do nosso trabalho sejam incertos, faremos o que for possível para salvar a democracia liberal”.

Muito obrigado, uma boa tarde a todos.

SÉRGIO RONDINO: Muito obrigado, Vilmar. Agora é a vez do comentário da Juliana Fratini.



JULIANA FRATINI: Boa tarde. Eu acredito que o populismo seja inerente à democracia. Acho que ele é próprio da democracia liberal, inclusive. Por quê? Porque dentro da democracia liberal o que existe é uma competição de forças e de atores, de interesses e de grupos que acabam se tornando grupos corporativistas. A democracia liberal permite a participação de pessoas que são de direita ou de esquerda, e agora existe uma defesa muito forte de interesses identitários por grupos de mulheres, de negros, LGTB, isso tudo é democracia liberal. Então, são todos esses atores competindo por uma posição de poder maior dentro da democracia. Quando esses atores estão competindo, o que eles querem? Eles querem prender a atenção das pessoas, querem ser lideranças carismáticas para fazer a captura dessa atenção. Eles querem ter esse poder populista que vai fazer com que ganhem notoriedade e votos. E aí, muitas vezes

acabam surgindo, como o Vilmar falou, narrativas que se acoplam a determinadas ideologias. O populismo sobrevive de ideologias, da captura do que está aí permeando a sociedade na construção de uma conjuntura que traz medo, por isso são lideranças que se apresentam como salvacionistas. Então, é inerente.

E o que acontece? A gente vem de uma crise do Estado de bem-estar social de algumas décadas atrás. De fato, as instituições democráticas e liberais não conseguiram dar conta de todos os anseios, não conseguiram acabar com o problema social da pobreza, não conseguiram dar educação universal a todos - e não estou falando apenas do Brasil ou da América Latina, estou falando dos países do mundo ocidental.

Além da crise do Estado de bem-estar social está a questão da globalização, de um mundo sem fronteiras. Nós estamos hoje inseridos num mundo sem fronteiras, devido até à própria expansão da tecnologia. Questões territoriais ou de espaço na economia mexeram muito com o cotidiano das pessoas e com o mercado, gerando mais descrençadas pessoas naquilo que entendiam como economia.

Além dessas rupturas, o que houve, o que cresceu muito nos últimos anos? Novamente as demandas de pautas identitárias, demandas de grupos não necessariamente territorializados lutando pelos mesmos interesses. A questão da mulher, ou a questão do negro, são um exemplo disso. Negros lutam juntos no Brasil e em outros países, são demandas diferentes que a democracia de um modo geral vai incorporando, como das mulheres, e que passam a ter visibilidade.

Para quem trabalha e atua na área da comunicação, qual o principal objetivo? Fazer com que os representantes de todas essas lideranças, de todas essas pessoas que têm interesse nesses temas de um modo geral, sejam vistas como grandes lideranças, lideranças carismáticas que

QUEM GARANTE QUE A RAZÃO TEM SEMPRE RAZÃO? O QUE FAZ UM LÍDER POPULISTA? O LÍDER POPULISTA USA A RAZÃO? NÃO, ELE NÃO USA A RAZÃO, ELE USA A EMOÇÃO, ELE QUER CAPTURAR A EMOÇÃO, É O SENTIMENTO DAS PESSOAS EM RELAÇÃO ÀS CONJUNTURAS QUE ESTÃO SENDO DADAS. A FABRICAÇÃO DA VERDADE PERPASSA PELO MANUSEIO, PELA MANIPULAÇÃO DESSES SENTIMENTOS E TENTAR MOSTRAR PARA O ELEITOR QUE QUEM VAI SALVÁ-LO É AQUELA LIDERANÇA”.

consigam atrair um maior público e transformar essas pessoas em grandes fenômenos. Com o advento da internet isso ficou ainda muito mais fácil porque o diálogo entre a liderança e a população acontece no *tête-à-tête*, não tem o intermédio das instituições. Então, mais uma vez, são as instituições sendo colocadas à prova. As lideranças se transformam basicamente em lideranças carismáticas. Quanto mais carismáticas essas lideranças forem, mais conquistas elas vão ter no ambiente da própria rede.

E qual o interesse dos candidatos, quando a gente está fazendo campanha política, por exemplo? Que o candidato ganhe realmente esse espaço. A política, hoje, com a tecnologia, é absolutamente personalista. Então, quanto melhor as lideranças políticas usarem o ambiente da internet, das redes, melhor elas vão poder lidar com o seu eleitorado. Porém, surge o problema da manutenção da base, que é constante, das narrativas que são constantes. Num ambiente de internet, nessa comunicação digital, realmente é isso que acaba acontecendo.

O Vilmar falou em relação à construção, à fabricação de verdades. Todas essas crises que eu citei aqui também correspondem com a própria crise da racionalidade. Nós tínhamos confiança nas instituições tradicionais, porém elas não deram conta de resolver todos os problemas da sociedade, mesmo em relação à razão. Quem garante que a razão tem sempre razão? O que faz um líder populista? O líder populista usa a razão? Não, ele não usa a razão, ele usa a emoção, ele quer capturar a emoção, é o sentimento das pessoas em relação às conjunturas que estão sendo dadas. A fabricação da verdade perpassa pelo manuseio, pela manipulação desses sentimentos e tentar mostrar para o eleitor que quem vai salvá-lo é aquela liderança.

Então, na minha visão, o populismo sempre vai existir no ambiente democrático porque, confor-



me o Vilmar falou, ele é estratégico até para a construção das lideranças. Como o Vilmar citou alguns autores, vou mencionar rapidamente alguns outros. Nós temos o Bernard Manin, cientista político francês, que fala sobre as representações. Para ele, por exemplo, estamos hoje numa democracia de auditório, não é mais uma democracia de notáveis, como foi no século 19. E não é mais uma democracia de partidos, em que os partidos determinam o que as suas lideranças devem fazer - os partidos não determinam mais exclusivamente o que as lideranças devem fazer. Manin, então, acredita que estamos numa democracia de auditório. O que é democracia de auditório? Democracia de auditório é que quanto

mais a liderança conseguir motivar a população, arregimentar grupos, fazer a grande festa, melhor ela vai se dar no ambiente, na conjuntura atual, nos processos eleitorais e melhor se comunicar com a população. Esse é um caso.

E temos também o escritor francês Guy Debord, que dizia: bom, a nossa sociedade é uma sociedade de espetáculo, as coisas não precisam existir efetivamente, a gente tem que trabalhar com representações. Então, tudo tem que ser muito espetacular. Portanto, é uma sociedade de espetáculo, em que as pessoas precisam chamar a atenção e as lideranças também precisam fazer o mesmo para operar nessa democracia de auditório.

E vou citar mais um autor, que é o Goffman (*Erving Goffman, sociólogo, antropólogo e escritor canadense*) que trabalha com a ideia de que a gente tem de construir fachadas. Todo mundo constrói uma fachada, porque todo mundo quer uma aparência melhor. Eu estou aqui numa fachada porque eu quero conquistar vocês, para terem confiança no que eu estou falando, para me escolherem como representante, para votarem em mim, é isso o que todas as lideranças e todos os candidatos vão fazer. Então, eu vejo que isso nas lideranças populistas é muito forte, na verdade chega a ser *over*, criando outras estratégias, como a construção do “nós contra eles”, de fazer sempre parecer melhor. É o grande pavão. O populista é o grande pavão.

Por que eu estou falando nisso? Porque na conjuntura em que vivemos é absolutamente necessário que as lideranças, de modo geral, cada vez mais busquem esses espaços de aparição e esse carisma para a própria sobrevivência, porque elas estão num ambiente de disputa e a democracia liberal é um regime de disputa pela atenção.

Vou dar um exemplo aqui, aproveitando que estou vendo ali na plateia o Andrea Matarazzo. Eu sou mãe, eu tenho gêmeas e fui com elas algumas vezes ao Museu Catavento, e lá me lembro de ter visto na placa o nome do Andrea. Quando houver uma comunicação dessa liderança, deste partido, a minha visão clínica, junto à minha experiência de mãe, é a seguinte: acho indispensável colocá-lo como participante, como alguém que esteve lá, que fez parte da construção daquele ambiente, deixar isso claro para os usuários, para as mães, porque isso tem importância grande para o usuário. De um modo geral, acho que é um atrativo tão relevante que merece ser considerado. Eu estou falando isso porque não se trata mais só de posicionamentos partidários. As lideranças têm um histórico, elas

fazem coisas bacanas e isso pode ser utilizado cada vez mais para atrair o eleitor de uma forma leve, de uma forma divertida, que é esse caso.

Então, é basicamente isso: o populismo faz parte da competição nas democracias. Infelizmente estamos vivendo uma situação de polarização, com esses populismos chegando a extremos no mundo ocidental. O Bolsonaro, por exemplo, utilizou muito bem o ambiente das redes sociais. Mas vejam bem que, de um modo geral, esses líderes populistas são aquelas pessoas que mais bem fizeram uso da internet para serem eleitos. Eles souberam se utilizar dessa tecnologia para construir imagens e fachadas basicamente personalistas, construir candidaturas personalistas. Por exemplo, o Bolsonaro agora está em guerra com o partido dele, o PSL. Então, o que vai resistir? É o partido, é o recurso que o partido vai ter, inclusive para investir nas candidaturas do próximo ano, ou a liderança do Bolsonaro? Como uma coisa está colada com a outra? É o recurso da instituição ou é a imagem dele populista? É essa briga que estamos vendo hoje e não sabemos ainda onde vamos chegar.

Mas, como eu disse, eu acredito que faça parte e a gente, daqui para a frente, tem que tentar ir, como Vilmar comentou, pelo caminho da ponderação, na minha visão. Tirar esses populismos, porque embora eles façam parte, eles se apresentam como um risco, sim, para a própria democracia. Eles são tão fortes que podem suplantam os valores democráticos. Temos de caminhar para uma linha mais republicana, tentando chegar a consensos e de maneira mais equilibrada. Acho que dá para radicalizar sendo equilibrado também, para lutar contra essa força. Muito obrigado.

SÉRGIO RONDINO: Obrigado, Juliana. As perguntas e comentários, como sempre, acontecerão na sequência. Agora, por favor, uma palavrinha do nosso senador Jorge Bornhausen.



JORGE BORNHAUSEN: Desejo apenas dar meu boa tarde a todas as senhoras e senhores presentes e cumprimentar os palestrantes. Eu tive muito prazer de vir aqui ao Espaço Democrático e poder ouvir novamente as palavras do deputado Vilmar Rocha, que conhece bem o assunto e transmitiu com atualidade, mostrando a nova literatura que ocorreu após o lançamento do seu livro. Quero cumprimentar aqui também a cientista política Juliana Fratini, que complementou muito bem essa palestra. E dizer que fico muito feliz de ver uma plateia que, a essa hora, veio discutir um tema sério e importante para o Brasil.

SÉRGIO RONDINO: Obrigado, senador. Vou passar agora para as perguntas, começando por uma para o deputado Vilmar. Ela foi enviada pelo Márcio Aith, que já fez palestra aqui com a gente a respeito do *compliance* nos partidos políticos. A pergunta é a seguinte:

“O tema tratado está na raiz dos problemas enfrentados pelas democracias ocidentais, seja no

mundo emergente ou nos países desenvolvidos. Existe uma produção acadêmica muito interessante sobre o assunto e nela existem apenas dois consensos. Um - o populismo renasceu porque as instituições responsáveis se rebaixaram: a credibilidade da imprensa desabou e os partidos se fragmentaram ou perderam a representatividade. Dois - a única forma de combater o neopopulismo é por meio de partidos fortes, programáticos, os chamados gate keepers. O senhor concorda, ou não?”

VILMAR ROCHA: Claro que os partidos têm um papel importante de intermediação política e aqui nós estamos vendo um exemplo disso - o nosso partido o PSD, por meio do nosso Espaço Democrático, que é um espaço importante da intermediação política. Os partidos estão muito desacreditados, como todas as instituições da democracia liberal - o Congresso, a política de uma maneira geral. A diferença entre o velho e o novo populismo de direita é que o populismo anterior tinha um sentido de integração, de integrar as pessoas na democracia liberal, na política. O moderno populista autoritário de direita é excludente, ele quer excluir os grupos ideológicos ou pessoas com quem não se identificam, eles não querem incluir. Essa é uma diferença fundamental, mas eu acho que os partidos continuarão tendo um papel importante nessa intermediação. Tem que passar por reformas, reciclagens, refundações, para se aproximar mais da sociedade, mas eles ainda cumprem um papel importante e não é só no Brasil, não, é no mundo todo. Todos os países que têm uma democracia estável têm um sistema de partidos. Todos.

SÉRGIO RONDINO: Obrigado, Vilmar. A próxima questão é do ex-ministro Andrea Matarazzo.



ANDREA MATARAZZO: A pergunta é para a Juliana. O que a gente vê é o descrédito da classe política, que fez por merecer, vem provocando isso. A gente percebe também uma queda na qualidade do político, e o descrédito vai piorando. Porém, o que é animador? Num país mais desenvolvido, como a Itália, por exemplo, que chegou ao fundo do poço com o último primeiro-ministro de direita, o Matteo Salvini, você vê que a sociedade também cansou e voltou para o equilíbrio com o Giuseppe Conte, que é um típico cara de centro e equilibrado. A pergunta é: do que a gente precisa antes? Do esgotamento da sociedade e o surgimento de uma nova classe política, ou essa classe política se recicla para buscar uma melhoria da democracia, uma volta da democracia normal e não populista?



JULIANA FRATINI: Eu acredito que a classe política tradicional, que é o que senhor diz, ela deva se atualizar. O próprio Vilmar aqui acabou de dizer que precisam entender melhor o uso das redes para contribuir com as próprias campanhas. Vejam bem, ele está falando isso hoje, em 2019. O uso que se faz das redes para campanhas eleitorais já acontece há pelo menos 10 anos. Então, realmente, as lideranças tradicionais precisam de atualização. O mercado de comunicação política digital - não me refiro aos grandes marqueteiros - encontrou grande dificuldade para dialogar com as lideranças tradicionais. Acabou havendo uma defasagem aí, porque, conforme eu expliquei, vocês podem notar que os *outsiders* se fizeram por meio das redes, a maior parte deles. E há um outro ator que são lideranças vindas de diversos outros movimentos que não são apenas das instituições partidárias, e que considero importantes também nesse cenário, mas que vão depender dos partidos políticos para se candidatar. Mas, basicamente, lideranças tradicionais precisam, sim, ter uma reciclagem no modo de apresentação, de comunicação, porque são lideranças extremamente qualificadas. Por outro lado, também pode haver um esgotamento nessa comunicação por quem está lá batendo e batendo... O próprio João Doria, para citar como exemplo, perdeu muita credibilidade



na sua própria base digital pelo excesso da comunicação. Então, o excesso também não é positivo. Tem muita gente que já não aguenta mais discutir Lula/Bolsonaro pelo excesso de visibilidade dado a essas lideranças. E aí não é só uma questão de se reciclar.

ANDREA MATARAZZO: Você falou do Museu Catavento. Acho que foi o projeto que eu mais me emocionei de fazer e dos mais importantes que eu fiz. Mas se eu fizer uma campanha falando do Museu Catavento, das Fábricas de Cultura, disputando com alguém xingando Gilmar Mendes, quem estiver xingando o Gilmar Mendes vai ter mais votos do que alguém que está fazendo propostas. Acho que será necessário um esgotamento da sociedade, porque desses *outsiders* que chegaram recentemente, 90% são nada. É só uma gritaria “contra tudo isso que está aí” - e proposta

zero. Acho que quem vai fazer essa depuração vai acabar sendo a própria sociedade pelo cansaço dessa polarização. As pessoas podem até ser ignorantes, mas não são burras. De repente percebem que não estamos indo para lugar algum.

JULIANA FRATINI: Entendo o que você está dizendo, mas é preciso mostrar às pessoas que elas têm opções, têm alternativas.

ANDREA MATARAZZO: Estou apenas dizendo que é um ciclo que vai ter a sua duração. Na Itália, esse ciclo durou da Operação Mãos Limpas até agora e vamos esperar que equilibre, lá a gente nunca sabe. Mas é um ciclo que a própria sociedade retroalimenta, prestigiando a maluquice, para voltar ao equilíbrio em algum momento. Porque ela hoje está entusiasmada com a maluquice. Falo de propostas concretas - se você falar hoje em



projeto de governo, projeto disso e daquilo, não será ouvido porque ainda não chegamos no esgotamento da maluquice. O histrionismo, vamos dizer, do populismo se sobrepõe a qualquer proposta. Não há comunicação de rede que sobreviva.

JULIANA FRATINI: A proposta apenas racional não sobrevive, concordo. Mas aí cabe à liderança ter esperteza e jogo de cintura para achar seu próprio charme e jogar esse charme lá para as massas, que é o que vai fazer com que ela seduza essas massas e as atraia para si. Porque a liderança, mesmo, não é só a liderança da proposta. As pessoas querem votar na pessoa, elas querem saber a conduta da pessoa, se é uma pessoa assim ou assado, e acho que a gente não pode subestimar o papel das redes, embora o conteúdo hoje seja muito depreciativo. A gente tem que falar também com gerações mais novas, de 20, 30,

40 anos, são gerações que estão nas redes, não é só o Facebook e o Instagram, é uma miscelânea de ambientes digitais que precisa ser conquistada por essa liderança. Então, não é só a proposta. É como a pessoa se apresenta mesmo - é o cabelo, é a roupa, é o gesto, é o jeito de falar. A gente quer votar nessa pessoa assim.

VILMAR ROCHA: É claro que o surgimento de ciclos ou de lideranças populistas mostra que a sociedade está insatisfeita, que o sistema democrático não está dando respostas na velocidade, na intensidade e na profundidade que a sociedade quer. Isso é evidente. É como se fosse uma febre do sistema político. É uma demonstração de que a sociedade está insatisfeita. Mas a alternativa não é a liderança populista porque a narrativa dela é falsa, é mentirosa, é manipuladora do sentimento das pessoas, quer



ativar o ódio circunstancialmente para chegar ao poder e se manter no poder. Por isso que ela se esgota logo, ela morre. Por quê? Porque chega a um ponto em que a sociedade fala: isso aí é papo furado. Por isso que eu usei essa palavra, “fascínio”, porque num primeiro momento causa um fascínio nas pessoas. Jânio Quadros: “Vou acabar com a corrupção”. O Collor contra os marajás. Tudo falso. Manipulou o sentimento do povo naquele momento contra a corrupção, às vezes as dificuldades econômicas e financeiras etc. Então, não é a forma de apresentação, não é usar bem ou mal o Instagram, é o conteúdo, por isso que vai morrer. Dura um determinado tempo e depois a sociedade fala: isso é papo furado, é conversa, é manipulação. Embora às vezes demore tempo. Por exemplo: eu acho que o Trump vai ser reeleito, porque não há contra ele uma grande liderança democrata.

SÉRGIO RONDINO: Por tudo o que foi dito aqui até agora, parece que a grande questão é que o candidato democrático, racional, equilibrado, competente, se ele trabalhar apenas com a razão para conquistar o eleitor, se não usar a emoção, ele perde. Esse é um problema grave da democracia.

VILMAR ROCHA: Juscelino Kubitschek foi um líder popular, de grande apelo popular, e não tinha conteúdo populista, não tinha um discurso populista, não tinha uma narrativa populista. Foi um dos melhores presidentes da História do Brasil, governou democraticamente. Ele foi, no século 20, um dos poucos presidentes eleitos que passou a faixa ao sucessor. Era um líder popular, e não populista. Quer outro exemplo? O governo Fernando Henrique. Até estive com ele hoje de manhã, uma bela conversa na casa dele, muito



agradável, como sempre. Oito anos. Ele foi eleito no primeiro turno nas duas eleições contra o Lula. O conteúdo do seu governo era populista? Não. Então, há uma diferença entre um líder populista e um líder popular. Um líder populista é aquele que tem pelo menos parte dessas características que eu citei aqui.

JULIANA FRATINI: As pessoas querem ser fascinadas, essa é a questão. Se chegar uma mulher aqui passando por vocês, uma mulher de 1,70m, cabelo bonito, esvoaçante, perfumada, a maior parte dos homens vai olhar. É a estratégia. Agora, se ela for ainda educada, ponderada, racional, aí vai ser melhor ainda. Que você se encantou, se encantou. Esse é o fascínio da comunicação que essas lideranças conseguem fazer. Atrair. Porque a mulher passa maquiagem quando sai de casa? Para atrair as pessoas, para

parecer mais agradável. Como é que essas lideranças vão fazer essa comunicação? É isso o que estou falando. E as lideranças populistas sabem seduzir muito bem. Agora, como é que alguém que é racional e equilibrado vai conseguir seduzir a população, como é que vai conseguir trazer a população para si? É essa a questão.

SÉRGIO RONDINO: Muito obrigado, Juliana, deputado Vilmar Rocha e senador Jorge Bornhausen. E agradeço especialmente a vocês que nos acompanharam até agora, aqui e pelo Facebook do Espaço Democrático. Até um próximo Encontro Democrático.



<p>Presidente Alfredo Cotait Neto</p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política Raimundo Colombo</p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais Vilmar Rocha</p> <p>Secretária Ivani Boscolo</p> <p>Diretor Superintendente João Francisco Aprá</p>	<p>Conselho Consultivo</p> <p>Presidente Guilherme Afif Domingos</p> <p>Conselheiros Alda Marco Antonio André de Paula Cláudio Lembo Georgiano Neto José Paulo Cairoli Otto Alencar Ricardo Patah</p>	<p>Conselho Superior de Orientação</p> <p>Presidente Gilberto Kassab</p> <p>Conselheiros Belivaldo Chagas Carlos Massa Ratinho Junior Diego Andrade Domingos Aguiar Neto Guilherme Campos Letícia Boll Vargas Omar Aziz Robinson Faria Samuel Hanan</p>
---	--	--



www.espacodemocratico.org.br

